

As contribuições teóricas da psicologia comportamental e da sociologia da ciência para os estudos de avaliação da produção científica

Anderson CAFÉ¹
Núbia RIBEIRO²

Resumo

Os estudos sobre produção científica quase sempre estão focalizados para os aspectos quantitativos da produção, sem apresentarem análises contextuais e epistemológicas resultantes das relações de poder e de dominação presentes nas cenas e nos discursos científicos. Assim, o presente artigo se propõe a realizar uma reflexão teórica sobre tais relações, resgatando, na literatura, alguns aportes teóricos que poderão subsidiar futuras pesquisas que estejam voltadas para o tema avaliação da produção científica. No primeiro momento, aborda-se sobre a teoria comportamentalista formulada pelo pesquisador americano Burrhus Frederic Skinner, que permite entender, dentre outros fatores, o papel das estruturas do ambiente no condicionamento dos comportamentos dos indivíduos neles inseridos. No segundo momento, são discutidos os aspectos simbólicos do campo científico, sob a perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu, mostrando como os pesquisadores se comportam dentro do campo científico. No terceiro momento, abordam-se sobre os aspectos gerenciais do campo científico na visão do sociólogo da ciência Richard Whitley. Por último, resgata-se a visão criticista do sociólogo baiano Guerreiro Ramos que analisa as influências das aspirações desenvolvimentistas das nações hegemônicas no comportamento das nações em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Palavras-chave: Psicologia comportamental. Sociologia da ciência. Avaliação da produção científica.

Abstract

Studies of scientific production are almost always focused to the quantitative aspects of production, without providing contextual and epistemological analysis of the resulting power relations and domination present in the scenes and scientific discourses. Thus, this article proposes to conduct a theoretical reflection on such relationships, rescuing, in the literature, some theoretical contributions that can support future research that are concerned with the theme evaluation of scientific production. At first, it discusses about

¹ Doutorando em Difusão do Conhecimento (UFBA). E-mail: anderson.cafe@bol.com.br

² Doutora em Química (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento (UFBA). E-mail: nrm@hotmail.com

the behaviorist theory formulated by Burrhus Frederic Skinner American researcher , which allows us to understand , among other factors , the role of environment structures in conditioning the behavior of individuals embedded in them . In the second phase , the symbolic aspects of the scientific field are discussed , from the perspective of the French sociologist Pierre Bourdieu , showing how researchers behave within the scientific field . In the third phase , are approached about the managerial aspects of the scientific field in the view of sociologist Richard Whitley science . Finally , rescues to criticista view of Bahia sociologist Ramos in his analysis of the influences of the developmental aspirations of the hegemonic behavior of nations in developing nations, such as Brazil.

Keywords: Behavioral psychology. Sociology of science. Evaluation of scientific production.

Introdução

Os estudos sobre produção científica contribuem para a realização de sínteses sobre a ciência, evidenciando padrões de comportamentos de pesquisadores que atuam em diferentes campos do conhecimento científico.

As pesquisas sobre produção científica quase sempre estão focalizadas para os aspectos quantitativos da produção sem apresentarem análises contextuais e epistemológicas resultantes das relações de domínio presentes no mundo científico.

Nesse sentido, este artigo resgata aportes teóricos da psicologia comportamental e da sociologia da ciência que poderão ser utilizados em diferentes estudos que se proponham a refletir sobre o atual sistema de avaliação da produção científica, adotado em escala nacional e internacional, proporcionando, assim, possivelmente, um melhor entendimento sobre as relações de poder presentes nas cenas e nos discursos produzidos no seio do campo científico.

No primeiro momento da discussão, traça-se uma abordagem sobre a teoria comportamentalista formulada pelo behaviorista americano Burrhus Frederic Skinner, enfocando conceitos como condicionamento operante e princípio do reforçamento positivo na tentativa de compreender de que forma as estruturas dos ambientes contribuem para modelar comportamentos, pelo menos provisoriamente, dos organismos neles inseridos.

No segundo momento da argumentação, discorre-se sobre os comportamentos dos pesquisadores dentro dos campos científicos sob a ótica do sociólogo francês Pierre

Bourdieu que, através das noções de campo científico, *habitus* e capital científico, constitui um verdadeiro cenário teórico por meio do qual se podem entender as relações de domínio e poder presentes nas práticas e nas ações dos pesquisadores.

A discussão sobre os aspectos simbólicos do campo científico em Bourdieu é complementada com a apresentação da teoria do sistema de reputação da ciência elaborada pelo pesquisador britânico Richard Whitley que, através do estudo das dimensões organizacionais do campo científico, evidencia toda a estrutura de gerenciamento da ciência que corrobora para modelar comportamento entre pesquisadores.

Por fim, o artigo é encerrado com o resgate das noções de redução sociológica, efeito demonstração e efeito dominação, discutidas a partir das concepções teóricas do sociólogo baiano Guerreiro Ramos que reflete sobre as formas pelas quais as aspirações desenvolvimentistas influenciam no comportamento das demais nações, inclusive no Brasil, também no que diz respeito à avaliação da produção científica.

1 A teoria comportamentalista de Skinner

Considerado como um dos pensadores mais citados do século XX, ao lado de Sigmund Freud e Jean Piaget (GUIMARÃES, 2003), Burrhus Frederic Skinner foi, talvez, o mais famoso teórico do Behaviorismo, corrente de pensamento da Psicologia científica “[...] também denominada comportamentalismo ou condutismo que encara o comportamento como objeto de estudo e a observação como método” (MESQUITA; DUARTE, 1996, p.23).

O Behaviorismo Skinneriano influenciou o pensamento e as práticas da Psicologia em escolas e consultórios em toda a parte do mundo até os anos 50. Atualmente, essa corrente compartilha espaços com outras abordagens da Psicologia. Batizada por Skinner, em 1945, como Behaviorismo radical, essa escola de pensamento busca “[...] explicações sobre os fenômenos comportamentais através de causas naturais, reais e passíveis de observação, ainda que só do próprio indivíduo que observa” (GUIMARÃES, 2003, p.61).

Contraopondo-se a maneira idealista de pensar o mundo, típica da cultura ocidental, onde o comportamento se baseava em “[...] causas imaginárias e constructos hipotéticos” (GUIMARÃES, 2003, p.61), o Behaviorismo radical se propõe a uma análise do comportamento humano por meio de estudo experimental. Nesse sentido, a base dessa corrente de pensamento está na formulação e consolidação de um dos principais conceitos formulados por Skinner (1938) que é conhecido na literatura como condicionamento operante.

Condicionamento operante está relacionado ao comportamento operante do homem sobre o mundo, quer direta ou indiretamente. Nas palavras de Guimarães (2003, p.64), “[...] é aquele cuja causa primeira não está determinada, mas cuja consequência pode ser observada. A partir daí, é possível inferir se esse comportamento se repetirá ou não, ou seja, o comportamento é selecionado por suas consequências”.

O conceito de condicionamento operante desdobra-se em um modelo de seleção por consequências (SKINNER, 1938; 1982), ou seja, o que o homem faz é selecionado pelas consequências de suas ações. Se as consequências de suas ações forem positivas, ele tende a voltar a realizá-las, porém, se negativas, ele tende a não mais repeti-las. Na teoria Skinneriana, são os chamados reforçamentos positivos e reforçamentos negativos.

No campo das políticas de avaliação da produção científica, pode-se pensar que todas às vezes que um conjunto de professores de um determinado programa de pós-graduação registrar, em certo intervalo temporal, um elevado número de artigos científicos publicados em estratos A1 ou A2, a consequência desse ato seja a própria elevação do conceito do programa, tendo como resultado positivo a concessão de bolsas de produtividade em pesquisa, maior número de bolsas de pós-graduação, maior volume de recursos financeiros, dentre outras recompensas, corroborando para que esse resultado possa ser repetido mais vezes pela sensação de prazer ocasionada pelas respostas positivas dentro do que se era esperado do pesquisador.

Já o reforçamento negativo, discutido na obra de Skinner (1938), diz que as consequências aversivas do ambiente corroboram para o decréscimo da probabilidade futura da resposta que a antecedeu. Com esse conceito, Skinner (1938) quis dizer que, mesmo o ser humano possuindo características filogênicas, ou seja, próprias de sua espécie, não se tem como garantir que toda a espécie responda da mesma forma aos

mesmos estímulos de um ambiente, uma vez que o homem também possui características da ontogênese.

Associando, novamente, essas ideias ao campo das políticas de avaliação da produção científica, pode-se imaginar que nem todos os pesquisadores irão cumprir, da mesma forma, as metas de desempenho científico das agência de fomento, respondendo positivamente aos condicionamentos dos critérios de produtividade. Pelo contrário, muitos docentes sentem-se pressionados no cumprimento dos referidos critérios, desenvolvendo, inclusive, sérias consequências emocionais colaterais, ansiedade, depressão, adrenalina e tensão.

Conforme Skinner (1938), a consequência de uma resposta aversiva a um estímulo que foi dado pelo ambiente, ou seja, a remoção de um reforçador positivo esperado pelo ambiente produz punição ao organismo. Dentro da política científica brasileira, a ausência de produção de um docente ocasiona o seu afastamento do programa, a diminuição do número de orientandos, a ampliação de sua carga horária em sala de aula, dentre outras sanções previstas pelo sistema de avaliação, sobretudo da pós-graduação.

Como se pode perceber da leitura até então realizada, todas as ações do homem constituem-se enquanto objetos de análises comportamentais, sendo que as consequências de suas ações podem ser consideradas como o grande objeto de estudo da teoria Skinneriano. Assim, no campo científico, o comportamento dos pesquisadores é analisado sob a ótica do sociólogo francês Pierre Bourdieu.

2 A concepção simbólica do campo científico em Bourdieu

Pierre Bourdieu pode ser considerado um dos maiores intelectuais de sua geração. Formado no meio parisiense dos anos 50 e 60 do século XX, pertence à geração de Lévi-Strauss, Althusser e Foucault.

O conjunto de sua obra contribui para ampliar a compreensão sobre os diferentes campos sociais como a literatura, filosofia, educação, política e arte. Além da análise desses campos sociais, Pierre Bourdieu dedicou-se ao estudo do campo da sociologia da

ciência e publicou diversas obras, as quais buscaram abranger a complexa rede de relações existentes entre os agentes e instituições que integram os campos científicos.

No intuito de desvelar as práticas científicas que se estabelece entre os agentes, Pierre Bourdieu (1983; 2001; 2004) elaborou uma rede de conceitos, que possibilitam compreender as regras que estão em jogo dentro dos campos científicos.

O campo científico, na perspectiva de Bourdieu, remete à ideia de um espaço simbólico marcado por relações de força, lutas e conflitos entre os agentes se constituindo enquanto espaço simbólico e estruturado de produção de conhecimento, onde os agentes e as instituições, dotadas de *habitus* específicos que lhes permite obter o sentido do jogo, estão em permanente luta concorrencial pelo acúmulo de maior capital científico.

O *habitus* é uma noção filosófica originada do pensamento Aristotélico de *hexis*, a qual representa a virtude e o caráter moral que orientam os sentimentos, desejos e condutas das pessoas. O termo foi utilizado pela primeira vez por Tomás de Aquino, na obra *Summa Theologiae*, com o significado de “capacidade para crescer através das atividades, ou das disposições duráveis” (WACQUANT, 2007, p. 65).

O *habitus* pode ser entendido como um conjunto de disposições adquiridas pelos agentes ao longo do tempo, as quais funcionam como uma matriz de percepções e apreciações que os orientam no cumprimento de suas tarefas e, portanto, correspondem ao “[...] princípio geral da teoria da acção” (BOURDIEU, 2001, p.62).

A compreensão do *habitus* de um agente ocorre por meio da análise de sua trajetória individual e social. O sucesso no percurso dessa trajetória permite ao agente interpretar com maior rapidez o senso do jogo, ao tempo em que lhe garante elevado domínio sobre as regras do campo e a sua possibilidade de acumular capital científico está diretamente relacionada à dimensão desse domínio. (BOURDIEU, 2001).

Pode-se considerar o capital científico como uma espécie particular de capital simbólico, amplamente disputado pelos agentes dentro de um campo. A posse desse capital permite ao seu portador retirar-se da indiferença, do mundo obscuro e despercebido, no qual se encontram a maioria dos homens comuns (BOURDIEU, 1983).

Há duas espécies de representação do capital científico: o capital científico puro

e o capital científico temporal. O puro está relacionado ao prestígio individual do pesquisador, ou seja, ao reconhecimento de sua habilidade intelectual que “[...] repousa quase sempre exclusivamente sobre o reconhecimento, pouco ou mal objetivado e institucionalizado, do conjunto de pares ou da fração mais consagrada dentre eles” (BOURDIEU, 2004, p. 35). Por sua vez, o temporal é o acumulado pelos agentes por meio de estratégias políticas e está quase sempre relacionado

[...] à ocupação de posições importantes nas instituições científicas, direção de laboratório ou departamentos, pertencimento a comissões, comitês de avaliação, etc., e ao poder sobre os meios de produção (contratos, créditos, postos, etc) e de reprodução (poder de nomear e de fazer as carreiras) que ela assegura (BOURDIEU, 2004, p. 35).

Essas duas espécies de capital científico possuem diferentes leis de acumulação. O capital científico puro é o acumulado normalmente pelas contribuições “[...] reconhecidas ao progresso da ciência, as invenções ou as descobertas (as publicações, especialmente nos órgãos mais seletivos e mais prestigiosos, aptos a conferir prestígio à moda de bancos de crédito simbólico)” (BOURDIEU, 2004, p. 36), enquanto o capital científico temporal é o acumulado pelo estabelecimento de estratégias políticas específicas que demandam tempo para concretizar-se, a exemplo de “participação em comissões, bancas de teses e de concursos, colóquios mais ou menos convencionais no plano científico, cerimônias, reuniões” (BOURDIEU, 2004, p. 36).

Assim como Pierre Bourdieu (1983; 2001; 2004) analisou a constituição dos campos científicos sob a perspectiva teórica e simbólica, discutindo as relações de poder e de dominação, Richard Whitley (2000) examinou o campo científico sob o enfoque mais organizacional e apresentou a teoria do sistema de reputação da ciência por meio da qual o teórico esboça os mecanismos de controle e distribuição de reputação existente dentro das disciplinas científicas.

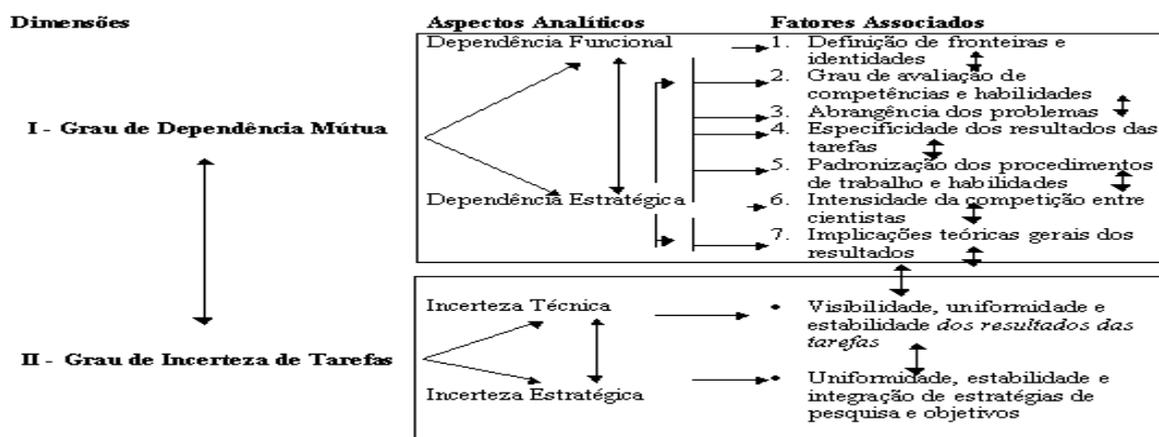
3 A estrutura gerencial do campo científico em Whitley

A teoria do sistema de reputação da ciência foi criada pelo professor Richard Whitley que atua na cadeira de sociologia das organizações da *Manchester Business*

School, instituição na qual atua desde 1968. Durante a sua trajetória acadêmica dedicou-se aos estudos sobre a organização social e intelectual dos campos científicos.

O modelo organizacional dos campos científicos proposto por Whitley (2000) está estruturado em duas principais dimensões: o grau de dependência mútua e o grau de incerteza de tarefas, as quais são os pilares do modelo e se desdobram em quatro aspectos analíticos que correspondem a fatores empíricos. O grau de dependência mútua desdobra-se em dois aspectos: dependência funcional e dependência estratégica enquanto o grau de incerteza de tarefas desdobra-se em incerteza técnica e incerteza estratégica.

Figura 1 Modelo teórico do sistema de reputação da ciência



Fonte: Adaptado de Whitley (2000)

Conforme mostra a figura acima, a primeira dimensão do modelo teórico corresponde ao grau de dependência mútua que se refere ao controle dos resultados produzidos e das atividades desenvolvidas pelos cientistas. Essa dimensão subdivide-se em grau de dependência funcional e grau de dependência estratégica. A dependência funcional está associada a cinco fatores: (1) definição de fronteiras e identidades; (2) grau de avaliação de competência e habilidades; (3) abrangência dos problemas; (4) especificidade dos resultados das tarefas; (5) padronização dos procedimentos de trabalho e habilidades.

O grau de dependência estratégica está relacionado às estratégias de natureza política utilizada pelos pesquisadores para persuadir seus próprios pares a respeito da importância e relevância de sua pesquisa. Tal aspecto analítico do modelo indica a

presença de uma agenda prioritária de temas de pesquisa em face dos interesses econômicos em jogo.

A segunda dimensão do modelo refere-se ao grau de incerteza de tarefas que está associado às próprias características da atividade científica, marcadas pela imprevisibilidade do impacto das descobertas científicas. Esta dimensão está subdividida em dois fatores: incerteza técnica, que corresponde à visibilidade, uniformidade e estabilidade dos resultados das tarefas e incerteza estratégica, associada à uniformidade, estabilidade e integração de estratégias de pesquisa e objetivos.

Assim, o que se pode perceber dessa discussão teórica sobre o sistema de reputação da ciência proposta por Whitley (2000) é que, de certa maneira, esse sistema de gerenciamento da ciência parece ser reproduzido em escala mundial, condicionando o comportamento científico dos pesquisadores. Esse possível condicionamento remete, portanto, para a discussão inicial deste artigo, onde se mostram as ideias de Skinner (1938; 1982) sobre a relação entre os estímulos do ambiente e as ações dos organismos neles inseridos.

Nessa discussão, o que chama à atenção, de certa forma, é a força com que determinadas regras carregadas de noções universais, hegemônicas e até mesmo consideradas modernizantes, inclusive dentro do campo científico, estão presentes nos modos de pensar e de agir em diferentes nações em todo o mundo, inclusive no Brasil.

Assim, para discutir a influência dessas ideias universalizantes no comportamento social brasileiro resgataram-se algumas abordagens teóricas como redução sociológica, efeito demonstração e efeito dominação trabalhadas por Guerreiro Ramos que possibilita, dentre outros aspectos, refletir sobre as formas de apropriações acríticas de ideias universalizantes que são efetivadas pelos brasileiros.

4 O efeito demonstração em Guerreiro Ramos

Arthur Guerreiro Ramos é um sociólogo baiano nascido na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia. Oriundo de uma família de classe média baixa ingressou, em sua adolescência, no Ginásio da Bahia, instituição de ensino de prestígio

naquela época, por intermédio de suas relações políticas com famílias tradicionais do Estado (MAIO, 1996).

Na década de 30, Guerreiro Ramos teve contato com o pensamento católico francês e participou do setor cultural do governo Landulfo Alves, então interventor da Bahia, sendo que o seu “[...] envolvimento em movimentos de cunho político e religioso facilitou a circulação de Guerreiro Ramos em ambientes da classe média baiana, onde escreveu crítica literária para jornais locais como O Imperial, pertencente a simpatizantes do integralismo” (MAIO, LOPES, 2012).

Assim, no final de 1939, Guerreiro Ramos parte da Bahia para o Rio de Janeiro para cursar Ciências Sociais na então Universidade do Brasil. Finalizado o curso de graduação, Guerreiro Ramos foi convidado para ocupar, primeiramente, funções relacionadas à docência na Faculdade Nacional de Filosofia e, em seguida, foi contratado para integrar o corpo técnico do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) (OURIQUES, 2010).

No final da II Guerra Mundial, Guerreiro Ramos “[...] incorporou-se à Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas quando a escola pretendia ser a grande escola de formação de quadros de alto nível para a administração pública brasileira” (SCHWARTZMAN, 1983, p.30). Nos anos 50, Guerreiro Ramos participou do quadro do Instituto Brasileiro de Estudos Sociais e Políticos (IBESP). Já nos anos 60, foi eleito deputado federal pelo PTB, sendo cassado em 1964, por conta do regime da ditadura militar. Com a cassação, Guerreiro Ramos parte para os Estados Unidos, onde foi acolhido pela Universidade do Sul da Califórnia, dedicando-se à atividade de ensino e pesquisa até o final de sua carreira (MAIO, LOPES, 2012).

Paralelo a sua intensa atividade política e intelectual, Guerreiro Ramos é, também, detentor de uma vasta produção intelectual. Entretanto, a sua consagração enquanto intelectual ocorreu, conforme Souza (1983); Ourives (2010); Maio e Lopes (2012), através da publicação de duas grandes obras: A cartilha brasileira do aprendiz de sociologia e a Redução Sociológica.

Não somente na obra Redução Sociológica, mas em todo o seu pensamento, Guerreiro Ramos sempre defendeu a ideia de que os sociólogos e os intelectuais, de modo geral, deveriam ter acesso ao conjunto de conhecimentos construídos

historicamente, mas era necessário apropriá-lo, criticamente, para a sua realidade local, regional e nacional, “[...] o homem não é apenas um ser-no-mundo, é também um ser-do-mundo em determinada forma histórica particular”. (GUERREIRO RAMOS, 1996, p.118-119).

Assim, a partir desse conjunto de ideias esboçadas, primeiramente, nessas duas obras, Guerreiro Ramos trabalha na perspectiva de defender que o intelectual deve ter acesso a todo um repertório de teorias e enunciados válidos universalmente em seu campo de conhecimento, entretanto, deve estar preparado para assimilar, criticamente, o patrimônio científico e cultural, oriundo de concepções estrangeiras. Para o intelectual, o universal só poderia ser alcançado por meio de um mecanismo clássico que ele chamou de redução sociológica.

A redução sociológica está relacionada “[...] a um procedimento metodológico cujo objetivo é tornar sistemática a assimilação crítica do patrimônio sociológico estrangeiro.” (OLIVEIRA, 1983, p.11). Nas próprias palavras de Guerreiro Ramos (1996, p.81), são “[...] pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos”.

Por conseguinte, a redução sociológica consiste em uma ferramenta teórica e metodológica que possibilita às nações subdesenvolvidas, por exemplo, contraporem-se ao poderio ideológico das nações desenvolvidas que buscam modelar comportamento de variados agentes econômicos, sociais, políticos e científicos que estão inseridos em diferentes contextos em âmbito mundial, gerando o que Guerreiro Ramos (2009) chama de efeito demonstração.

O conjunto de aspirações das nações em desenvolvimento é, em larga escala, moldado pelo tipo de consumo normalmente encontrado nas nações desenvolvidas. Isso se deve [...] à pressão exercida pelas nações hegemônicas a procura de mercados para seus produtos. As populações das nações periféricas estão continuamente expostas à influência do padrão de vida vigente nas nações desenvolvidas e procuram alcançá-los também. Esse fato está na raiz de uma das principais características de muitas nações novas: o desequilíbrio entre as aspirações do povo e a capacidade do sistema produtivo de satisfazê-las, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. (GUERREIRO RAMOS, 2009, p.65).

As aspirações das nações consideradas desenvolvidas podem ser observadas no comportamento de brasileiros em variados campos de atividades como na cultura, moda, economia, ciência, dentre outros. No campo científico, o efeito demonstração pode ser constatado, por exemplo, nos documentos de áreas da CAPES, visto que neles encontram-se, de modo geral, critérios que vinculam a conquista de um elevado conceito de um programa de pós-graduação à qualidade da produção científica de seus docentes medida, quase sempre, pela própria inserção internacional do periódico científico em que o mesmo publicou.

Na concepção de Guerreiro Ramos (1954; 1996; 2009) o efeito demonstração é resultado da imposição de formas de pensar e agir exercida pelos países hegemônicos sobre os demais, resultando naquilo que o intelectual chamou de efeito dominação.

A expressão efeito dominação, proposta pelo economista francês François Perroux, é usada para explicar a dinâmica das relações assimétricas entre as nações hegemônicas e as demais. Há hoje uma economia mundial que funciona de forma tal que certos países, mesmo sem qualquer intenção de fazê-lo, condicionam de modo decisivo as outras economias nacionais muito mais do que eles próprios são condicionados. No estágio atual de evolução do mundo, onde as nações possuem capacidades econômicas desiguais, as menos desenvolvidas acham-se permanentemente sujeitas a uma espécie de bombardeio cósmico, pois não conseguem escapar ao efeito dominador exercido sobre elas pelas nações hegemônicas. Tudo o que podem fazer é adaptar-se a esse efeito. A adaptação pode ser passiva ou ativa. (GUERREIRO RAMOS, 2009, p.66).

Nesse sentido, os conceitos discutidos por Guerreiro Ramos certamente corroboram para um (re)pensar sobre o próprio modelo de desenvolvimento econômico, social, política e educacional que permeiam a mentalidade de diversos brasileiros, inclusive dentro do campo da formulação de políticas de avaliação da produção científica.

Conclusão

Os aportes teóricos apresentados neste artigo buscaram evidenciar, de certa forma, a inter-relação entre os conceitos discutidos, mostrando, por exemplo, que a conquista do reforçamento positivo, na perspectiva de Skinner (1938); do capital

científico, sob a ótica do Bourdieu (1983; 2001; 2004) e da reputação acadêmica, na visão de Whitley (2000) estão relacionados à capacidade do pesquisador em reproduzir, de forma competente, as regras que estruturam as disputas acadêmicas dentro do campo científico, sobretudo no que diz respeito à reprodução dos indicadores de avaliação da produção científica.

Entretanto, assim como assinalou Guerreiro Ramos (1954; 1996; 2009), faz-se necessário (re) pensar esses modelos de desenvolvimento, oriundos das nações hegemônicas, inclusive no campo da ciência, que são, constantemente, apresentados às nações em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, como caminhos a serem fortemente perseguidos.

Assim, espera-se que os conceitos discutidos ao longo destas páginas possam contribuir para as reflexões sobre as relações de poder e de dominação existentes nas práticas e nos discursos científicos, contribuindo para futuras pesquisas que se interessem em abardar o tema de avaliação da produção científica.

Referências

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Petrópolis, 2003.

BOURDIEU, Pierre. La spécificité du champ scientifique et les conditions sociales du progrès de la raison. **Sociologie et Sociétés**, v.7, n.1, p.91-118, maio, 1975.

_____. O campo científico. In: _____. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2001. (Coleção Biblioteca, 70).

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: editora UNESP, 2004.

GUERREIRO RAMOS, A. **Cartilha brasileira para aprendiz de sociólogo**. Rio de Janeiro, 1954.

_____. **A redução sociológica**. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. In: HEIDEMANN, F.G; SALM, J.F. (Org.). **Políticas públicas e desenvolvimento**:

bases epistemológicas e modelos de análise. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009. p.41-89.

GUIMARÃES, R.P. Deixando o preconceito de lado e entendendo o behaviorismo radical. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v.23, n.3, p.60-67, 2003.

MAIO, M.C. A questão racial no pensamento de Guerreiro Ramos. In: MAIO, M.C; SANTOS, R.V (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

MAIO, M.C; LOPES, T.C. Da escola de Chicago ao nacional-desenvolvimentismo: saúde e nação no pensamento de Alberto Guerreiro Ramos (1940-1950). **Sociologias**, Porto Alegre, ano 14, n.30, maio/ago. 2012, p.290-329.

MESQUITA, R; DUARTE, F. **Dicionário de Psicologia**. Colaboração de Pedro Lopes Vieira. Lisboa: Plântano Editora, 1996.

OLIVEIRA, L.L. Contribuição de Guerreiro Ramos para a sociologia brasileira. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.10-20, abr./jun. 1983.

OURIQUES, N. **Nildo Ouriques fala sobre Guerreiro Ramos**. Entrevista concedida à Elaine Tavares. IELA, ago. 2010.

SCHWARTZMAN, S. Contribuição de Guerreiro Ramos para a sociologia brasileira. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.30-34, abr./jun. 1983.

SKINNER, B.F. **The behavior of organism**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1938.

_____. **Sobre o comportamento humano**. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Cultrix; EDUSP, 1982.

_____. **Questões recentes na análise comportamental**. São Paulo: Papyrus, 1989.

SOUZA, N.M. Contribuição de Guerreiro Ramos para a sociologia brasileira. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v.17, n.2, p.9-10, abr./jun. 1983.

WACQUANT, Loïc J. D. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**, [S.l.], Ano 10, n. 16, p.63-71, jul./dez. 2007.

WHITLEY, Richard. **Social processes of scientific development**. London: Routledge & K. Paul, 1974.

_____. **The Intellectual and social organization of the sciences**. 2nd. ed. London: Oxford, 2000.